

A PROPÓSITO DE CARLOS CALDEIRA E CARL ROGERS



João Hipólito

A 15 de Outubro de 1982 ocorre uma triste efeméride: morre em Lisboa o Professor Doutor Carlos Caldeira na sequência de um acidente pós operatório. Morrerá como vivera, em congruência com a sua filosofia de vida. Recusara ser operado no estrangeiro, como eu lhe havia sugerido e decidira-se por um hospital público “como a generalidade dos cidadãos” sujeitando-se ao risco (neste caso fatal) inerente a esta decisão.

Carlos Caldeira é, sem dúvida, a personagem fundamental do movimento rogeriano, em Portugal, pois foi o principal introdutor do modelo teórico e da filosofia que lhe estão subjacentes, na área da saúde e mesmo da educação.

Em 1967, pela primeira vez, o pensamento de Rogers começa a ser difundido em Portugal graças ao contacto de uns psiquiatras portugueses com alguns trabalhos franceses sobre Carl Rogers, nomeadamente “A Orientação Não-Directiva” de Pagès e um dos artigos publicados na Enciclopédia Médico-Cirúrgica, bem como os trabalhos do próprio Carl Rogers. Entre os que naquela altura, “conhecem” Rogers, é necessário sublinhar Carlos Caldeira, assistente de Psiquiatria na Faculdade de Medicina, o casal Campos Morais, ambos psiquiatras e Joaquim Lalande, também assistente de reconhecido mérito.

Este modelo teórico chega a Lisboa numa época em que o meio psiquiátrico está muito influenciado

Palavras-Chaves: Antropoanálise - Terapia Centrada no Cliente - Abordagem Centrada na Pessoa - Modelo Socioantropológico

Keywords: Anthropoanalysis - Client Centered Therapy - Person Centered Approach - Socioanthropologic System

pela filosofia alemã, a qual muito contribuiu para o desenvolvimento da Antropologia e, mais especificamente, da Antropologia Médica. O pensamento de Rogers impressiona Caldeira e Lalande tanto a nível filosófico, devido à sua tendência existencialista, como em relação ao seu empenhamento na psiquiatria social.

Carlos Caldeira escreve, então, vários artigos difundindo, deste modo, o pensamento de Rogers; por sua vez, em 1972, Lalande faz a primeira tradução em português de uma das obras de Rogers: “Grupos de Encontro”. A própria escolha desta primeira tradução poderá ser indicadora das preocupações deste círculo de interessados.

Em 1968, Carlos Caldeira parte para o Brasil para leccionar na Universidade da Amazônia, ocupando-se do ensino da Psicopatologia. No Brasil, Caldeira vê-se confrontado com uma problemática social muito séria: a dos desfavorecidos, ainda mais deserdados que os de Portugal. No Verão de 1969, por motivos pessoais, Caldeira volta a Lisboa e toma a seu cargo a direcção dum serviço universitário de psiquiatria hospitalar nesta cidade. É aí que, trabalhando eu como interno voluntário na instituição, começa a nossa colaboração.

As condições de trabalho, naquela altura, são miseráveis. O Hospital Júlio de Matos de Lisboa, que tinha sido construído com um espírito aberto, era, no princípio do século, um hospital de prestígio. Em 1969, está quase em ruínas. É, no entanto, o grande hospital do sector; este sector está subdividido e a nossa equipa tem a responsabilidade de uma zona muito pobre, meio urbana, meio infra-urbana, do tipo bairro de lata.

O absentismo e a necessidade de um segundo emprego para poder sobreviver aumenta em muito a carga do pessoal de enfermagem, reduzindo em paralelo a presença efectiva do pessoal de cuidados no espaço terapêutico.

Face a esta situação, o Prof. Caldeira sente-se embaraçado: não tem meios para trabalhar mas, por outro lado, existe nele sempre a preocupação pelo outro e pelo seu desenvolvimento pessoal. Além disso, Caldeira está profundamente empenhado na utilização dos princípios da “Abordagem Centrada na Pessoa” na terapia individual, na terapia de grupo e nos grupos de formação, devido ao seu interesse pela pedagogia.

Nos finais de 1969, com a sua ajuda e dinamismo, forma-se uma comunidade terapêutica no hospital. Esta

inspira-se claramente na “Abordagem Centrada na Pessoa” que na altura ainda é designada por “Abordagem Não-Directiva”. Caldeira tenta criar uma comunidade que se baseie inteiramente na “Abordagem Centrada na Pessoa” mas aplicando uma intervenção original. Aquando da primeira sessão desta comunidade, todas as pessoas do serviço, desde o pessoal auxiliar ao professor catedrático, passando pelos doentes, estão presentes. A comunidade foi criada com consciência plena de que as pessoas presentes, as únicas interessadas, se interrogavam sobre o que iriam fazer; desejavam uma mudança fundamental no seu funcionamento e na sua maneira de estar, mas não podiam contar com nenhuma ajuda, meios suplementares ou apoio exterior.

Algum tempo depois desta comunidade terapêutica estar em funcionamento no hospital, começam a verificar-se resultados significativos, tais como uma diminuição considerável do absentismo e um aumento muito significativo da eficácia terapêutica, nomeadamente a diminuição das recaídas, diminuição da taxa de suicídio e períodos de tratamento mais curtos¹.

Progressivamente, e embora a comunidade terapêutica funcione bem, constata-se que o trabalho com os doentes no hospital não é suficiente. O trajecto da residência ao hospital exige para cada doente cerca de meio dia disponível o que significa um desconto no salário.

Carlos Caldeira e a sua equipa decidem deslocar-se ao centro do bairro de lata para fazerem consultas volantes, levando com eles os medicamentos e muitas vezes indo eles próprios procurar os doentes. A sua equipa, pouco numerosa, não conseguindo acompanhar todos os doentes potenciais, decide fazer uma consulta de grupo. Deste modo, quando um doente vem pela primeira vez, é recebido individualmente, mas depois é-lhe proposto passar para a consulta de grupo. Os raros doentes que recusam este processo são então consultados no hospital, pois não há outra possibilidade.

Carlos Caldeira rapidamente se dá conta de que o indivíduo, ou o grupo, permanece como que desencarnado, se se mantém desligado do contexto social. Caldeira depara com as condições extremamente desfavoráveis do bairro de lata; estas pessoas, às quais se oferece uma psicoterapia (em geral gratuitamente, ou a preço simbólico) evoluem em termos do desaparecimento de certos sintomas, mas acham-se então ainda mais infelizes ao ficarem privadas do sintoma ou

1 CALDEIRA, C. (1981): Análise Sociopsiquiátrica de uma Comunidade Terapêutica. Aplicação do modelo antropsicanalítico em psiquiatria social. Tese. Lisboa.

dos sintomas que lhes permitiam sobreviver; ao serem dados um estatuto, tornam-se dramaticamente conscientes duma política social muito penosa. Face a estas constatações, o grupo de trabalho passa a interessar-se, desde logo, não apenas pela terapia individual ou terapia de grupo, mas também pela intervenção social.

A questão põe-se então nestes termos: Que se poderá fazer ao nível do ambiente onde estes doentes “sobrevivem” mais do que vivem?

A equipa não pode senão constatar que, se Rogers e a sua filosofia conhecida como “Abordagem Centrada na Pessoa” os enriqueceu pessoalmente, lhes forneceu um instrumento de trabalho ou de reflexão sobre o seu modo de existir na relação e sobre o modo de intervir, não lhes proporcionou meios de intervenção nas condições deste bairro de lata, directamente confrontado com o mundo político e social.

As pessoas preocupadas com este projecto ao reflectirem sobre as implicações económicas, sociais, arquitecturais e políticas da situação tentam, por exemplo, encontrar os centros de poder deste bairro, onde as decisões são tomadas. Pouco a pouco é elaborada uma análise deste universo da pessoa, já não individualmente ou inserida no pequeno grupo terapêutico, mas no seu meio natural, com todas as implicações de ordem social inerentes às suas condições de vida, tais como questões de trabalho ou de desemprego.

Pouco a pouco, a equipa compreende que é necessária preparação para intervir, baseando-se numa atitude de atenção, de compreensão empática, mantendo um olhar incondicional positivo sobre a pessoa e procurando assumir a sua própria congruência. Com efeito, trabalhar num bairro degradado implica estar-se preparado para uma grande aceitação, mas também que se seja coerente consigo mesmo, no momento da intervenção. Assim, como viver, por um lado, uma vida “de burguês”, pelo menos relativamente confortável e, por outro lado, intervir num meio onde as pessoas não têm o estritamente necessário?

A equipa sente necessidade de completar a sua formação sobre o pensamento de Rogers através de formação em Ciências Humanas, formação essa susceptível de ajudar a compreender melhor “os sistemas” designados sócio-antropológicos e que tomam em consideração o meio onde a pessoa está inserida.

Os membros da equipa estão, simultaneamente, presentes em vários espaços e tempos da comunidade geográfica (escolas, famílias, locais de consulta,

comissão de moradores, clubes, administração local, etc...). Estabelecem o elo entre a comunidade de saúde mental que querem ajudar a construir, as organizações e os grupos já existentes na comunidade geográfica, sem qualquer intenção de os submeter à psiquiatria ou de os controlar, mas sim para evitar a marginalização da “comunidade dos loucos” e para facilitar a participação da comunidade geográfica na prevenção primária em saúde mental. Esta equipa tem, deste modo, dois olhares diferentes: o primeiro, do ponto de vista da subjectividade, isto é, o da pessoa preocupada com ela própria, com o universo em que vive, quer seja o seu universo pessoal, familiar, de trabalho ou político. Segundo a perspectiva da Abordagem Centrada no Cliente, estes universos revelam-se ao terapeuta através da escuta empática. O segundo ponto de vista não reside já no “interior” e “subjectivo” mas no “exterior”, acompanhado pelo conhecimento das Ciências Humanas; assim, a equipa é formada por médicos, enfermeiros, assistentes sociais, economistas, políticos, urbanistas, professores, etc... Sendo verdade que o trabalho com a população destrói o mito do profissional, é no entanto uma incoerência dizer às pessoas, a quem se vai ajudar, que “não sabemos nada”, pois sabe-se efectivamente algo e há algo na verdade para oferecer a esta população para além do empenhamento pessoal numa intervenção centrada na pessoa e/ou no grupo: uma visão, um conhecimento da História, da Sociologia, da Economia, da Psiquiatria, etc...

A visão subjectiva dos doentes e a visão duma certa objectividade dos profissionais da equipa podem ser consideradas como as duas faces duma moeda, dois pontos de vista impossíveis de fazer coincidir completamente mas que se completam para a construção dum sistema que não se pretende que reproduza a pessoa real mas que se lhe aproxime o mais possível a cada passo; dois aspectos a entender como pares quânticos, complementares, mas irreduzíveis, obedecendo ao princípio da incerteza de Heisenberg, dentro do espírito da “interpretação de Copenhaga”: incerteza, complementaridade e perturbação do sistema pelo acto da observação².

A arte desta forma de intervenção reside na compreensão dessa diferença irreduzível; tentando reduzi-la mas sem contudo a ignorar sabendo que ela é irreduzível na totalidade.

Carlos Caldeira desenvolve assim, progressivamente, através da interacção dialéctica da sua prática no terreno acompanhada de uma reflexão teórica, o

2 STAPP, H. (1972): “The Copenhaga Interpretation and the Nature of Space-Time”. American Journal of Physics. 40.

conceito de “Sistema Sócio-antropológico”.

O que é, afinal, o sistema sócio-antropológico? Quando consideramos a pessoa em situação verificamos a existência de tipos qualitativos de relação que não são redutíveis entre si. Falamos, para exemplificar, da atitude de padrões paternalistas com tudo o que ela tem de manipulador e também de autenticidade e de empenhamento. Mas uma tal leitura, consistindo em tomar a parte pelo todo, impede que se vejam as diferentes qualidades da relação, das dimensões da relação que divergem qualitativamente.

As relações de trabalho entre aquele que trabalha e aquele que emprega são relações muito diferentes das estabelecidas com o pai ou com a mãe, por exemplo, mesmo que a relação empregador-empregado ou a relação produção/salário possa ser influenciada por reminiscências da imagem paternal ou, ao contrário, as relações interpessoais influenciadas pelas relações de produção/salário/consumo.

Mas tentando dar uma resposta mais precisa à pergunta que acima formulamos, podemos definir o sistema sócio-antropológico como um conceito teórico que nos permite compreender o homem em relação e no qual são consideradas seis dimensões de compreensão e análise.

Assim a primeira dimensão de compreensão-análise é a dimensão do pessoal, da compreensão do funcionamento biológico e psicológico, do intra-pessoal.

A segunda dimensão de compreensão-análise é a da relação dual, da série, do encontro, do que se passa entre duas pessoas e que possui uma qualidade diferente da relação e dos conflitos consigo próprio.

A terceira é a do grupo, quer ele seja no contexto do bairro, da família ou da terapia. Estas relações são qualitativamente diferentes das relações duais e, se num grupo podem existir relações duais, estas são qualitativamente diferentes das que se estabelecem nas relações grupais e nas múltiplas triangulações que o grupo permite. O grupo é mais do que a adição dos seus membros e como tal cada grupo tem as suas particularidades. Por exemplo, o grupo família induz relações diferentes das que podem nascer num grupo terapêutico seja este de psicodrama, de relaxamento ou terapia de grupo, num grupo de encontro, num grupo de desenvolvimento, ou num grupo centrado numa tarefa.

A seguinte dimensão, a quarta, diz respeito à pessoa que vivendo nesta ou naquela família, neste ou naquele bairro, se situa no mundo do trabalho e das organizações (escola, hospital, sindicato, sociedade científica, etc...); esta dimensão refere-se às relações de empregados-empregadores (seja o trabalhador independente ou não), relações burocráticas e diz res-

peito às trocas monetárias ou de serviços. Os conflitos que surgem a este nível têm as suas características particulares que exigem uma compreensão específica mesmo se são influenciadas por outras dimensões relacionais. Para compreender o universo da pessoa do modo mais enfático possível é, pois, indispensável conhecer o seu mundo de trabalho, o que aí se passa ao nível das relações, não apenas afectivas mas também numa dimensão verdadeiramente “organizacional”.

A quinta dimensão diz respeito à pessoa inserida num contexto mais vasto, institucional e social. Esta dimensão compreende os macro-sistemas sociais (sistema judiciário, político, de ensino, ideológico, saúde, etc..., com os seus subsistemas e enquanto subsistemas); é a compreensão dos centros de poder, das instituições.

Finalmente, a sexta dimensão diz respeito ao relacionamento com o Absoluto e com a Transcendência, quaisquer que sejam os posicionamentos do indivíduo face ao religioso, ou as suas crenças. Esta qualidade relacional frequentemente “parasitada” pelas precedentes, define-se e clarifica-se progressivamente para além das pertenças religiosas ou das posições filosóficas da pessoa.

Carlos Caldeira, ao criar e conceptualizar o sistema socio-antropológico e a sua análise, responde a uma necessidade incontornável do nosso contexto sócio-cultural.

Pondo em paralelo as ideias de C. Caldeira e C. Rogers verificamos que, nesta época, existem alguns pontos de desacordo, nomeadamente no valor que Caldeira dá ao social contrariamente a Carl Rogers que, aquando da criação da primeira comunidade, nos finais dos anos sessenta, parecia ainda distante duma preocupação de carácter social. A nosso ver, se ele se interessava pelos grupos de encontro e pela pedagogia, não nos parece que tivesse descoberto ainda Paulo Freire. Começava a interessar-se pelo existencialismo europeu mas tanto quanto sabemos, não tinha ainda abordado nas suas publicações a problemática social.

Ora, os portugueses encontravam-se, na altura, inseridos num contexto social muito complexo e sentiam a necessidade de elaborar o pensamento de Rogers através duma conceptualização que levasse em conta as suas necessidades e as suas preocupações sociais, e Caldeira teve o mérito de introduzir uma nova perspectiva teórica que explora de maneira inovadora, a qual muito enriqueceu e marcou o desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa em Portugal.

A evolução lógica do pensamento de Caldeira passa pela reflexão sobre a preparação teórica e prática dos intervenientes - psicoterapeutas, socioterapeutas ou facilitadores de grupo e da actualização das potencialidades do Sistema Sócio-antropológico ao nível de todas as suas dimensões.

Caldeira desenvolve, assim, a ideia da formação do facilitador numa perspectiva claramente inovadora e precursora daquilo que actualmente na maioria dos países europeus são as concepções de um curriculum adequado de formação em psicoterapia: extensa formação pós graduada, trabalho de desenvolvimento pessoal e de supervisão rigorosa, formação teórica englobando uma perspectiva de conhecimento de outros modelos terapêuticos, de psicopatologia, filosofia, mitologia, etc. Este seu projecto de formação é apresentado num artigo publicado postumamente ³.

Carlos Caldeira entra, então, em contacto com Carl Rogers expondo-lhe o seu projecto de formação e de constituição de uma sociedade científica em torno destes princípios, mas gera-se infelizmente um imenso mal entendido que a morte prematura de Caldeira e, posteriormente a de Carl Rogers não permitirá esclarecer. Só já depois da morte de Carl Rogers, em 1987, pude clarificar dentro do movimento rogeriano a posição de Caldeira, mais precisamente no III Fórum da Abordagem Centrada na Pessoa, em La Jolla, e no qual estava previsto que Rogers participasse se a sua morte não tivesse surgido alguns meses antes.

No momento do contacto entre Caldeira e Rogers, este último está ainda numa fase bastante anti-institucionalizante e, além disso, tem dificuldade em compreender a ênfase, sem dúvida excessiva, que Caldeira dá ao estudo da Psicanálise (todo o primeiro ano da formação) e de outros modelos próximos ou dissidentes desta última que ocupam o trabalho do segundo ano, relegando para o terceiro ano de formação o estudo das obras de Rogers.

Rogers propõe que um colaborador seu se desloque a Lisboa para clarificação das diferenças, e sem romper completamente interdiz a Carlos Caldeira a utilização do seu nome e expõe a sua oposição de princípio à criação de uma sociedade "Rogeriana".

Face a esta decisão, Carlos Caldeira "autonomiza-se" então da "filiação" rogeriana para criar a Sociedade de Antropoanálise para a qual fui convidado como presidente, cargo que desempenhei durante alguns

anos.

Actualmente e após este tempo passado que permite ter uma certa distância sobre os factos, parece-me que a importância dada por Carlos Caldeira à psicanálise como referência na reflexão sobre o "em si" do Sistema Sócio-antropológico foi o resultado da influência crescente de alguns dos seus colaboradores próximos, fascinados pela psicanálise, à qual alguns, em coerência com eles mesmos, acabaram por aderir.

Esta relativização da herança rogeriana, levou-me (e a outros) a afastar-me, já bem depois da sua morte, da Sociedade fundada por Caldeira na procura de uma maior coerência com as posições de base rogerianas sobre as quais Carlos Caldeira tinha construído a sua reflexão e a sua prática. Estou, contudo, convicto, que tal não teria acontecido se não fora a morte prematura de Caldeira. Acabei também por abandonar o termo de antropoanálise, por razões teóricas que desenvolvi ⁴, guardando contudo o conceito de sistema sócio-antropológico, o qual progressivamente tenho vindo a trabalhar.

A prematuridade do seu desaparecimento privou-nos do importante contributo que, sem dúvida, Carlos Caldeira teria trazido à Abordagem Centrada na Pessoa e, sobretudo estou convicto que teria acontecido uma inevitável convergência entre as suas posições teóricas e as de Carl Rogers, pois que também este evoluiu, nomeadamente na importância e trabalho que desenvolve relativamente ao social. Nos últimos anos da sua vida Carl Rogers ocupou-se intensamente do social e do político. Participou no trabalho de reconciliação inter-racial na África do Sul, no de reconciliação interconfessional e política na Irlanda do Norte, no de reconciliação política e diplomática na América Central, através da organização de Workshops congregando as diferentes partes dos conflitos ou partes interessadas, e no Workshop de Rast que contou com a presença de políticos e diplomatas significativos da América Central.

Impulsionou também o trabalho e reflexão no mundo empresarial e administrativo, público e privado. Interessou-se profundamente pela dinâmica comunitária, trabalhando afincadamente na experimentação e na vivência de grandes grupos, com largas centenas de participantes, e indicando como pista de elaboração e investigação o impacto do trabalho em pequenos grupos na comunidade geral.

3 CALDEIRA, C., FIGUEIREDO DIAS, G. , HIPÓLITO, J. (1988): Une psychothérapie pour la libération de la personne. *Psiquiatria Clínica*. 9 (1), pp. 49-54.

4 CAMPICHE, C., HIPPOLYTE, J., HIPÓLITO, J., (1992): A Comunidade como Centro. Lisboa: Gulbenkian. Pp. 33-34.

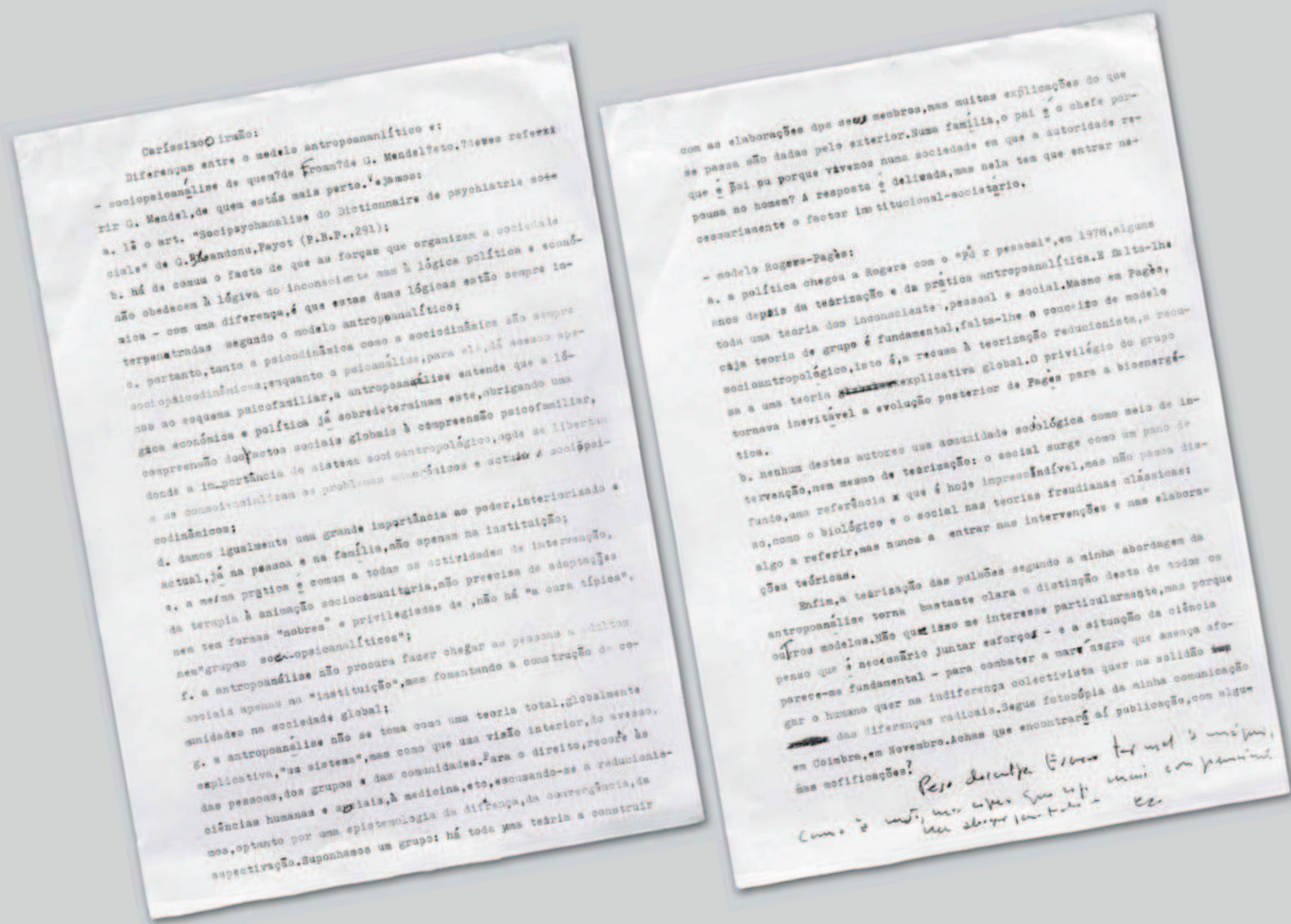
É verdade, contudo que, tal como Pagés, tão pouco teve acesso ao conceito de sistema sócio-antropológico, provavelmente por falta de informação na época. Não há dúvida, também, que a sua posição em relação ao inconsciente freudiano foi sempre de recusa, e o tempo faltou-lhe para a elaboração do que se poderia chamar de “não-consciente” (not aware) mais do que Inconsciente, ou “não simbolizado”, e ao qual se referia.

Em relação às pulsões, é evidente que tinha e manteve até ao fim da sua vida, uma postura centrada numa pulsão fundamental, a tendência formativa/actualizan-

te, e não no binómio Eros-Tanatos da perspectiva freudiana.

Contudo, após esta minha explicação uma questão pode ser formulada: mas, afinal quais são as divergências fundamentais entre Carlos Caldeira e Carl Rogers?

Deixo Caldeira expô-las “pessoalmente”. Numa das últimas cartas que me escreveu e que em baixo é publicada integralmente, Carlos Caldeira clarificava as principais diferenças entre as suas posições e algumas correntes circundantes.



“Caríssimo irmão:

Diferenças entre o modelo antropológico e: sociopsicanálise de quem? De Fromm? De G. Mendel? Etc.? Deves referir G, Mendel, de quem estas mais perto. Vejamos:

a) Lê o artigo “Sociopsychanalyse do Dictionnaire de Psychiatrie Sociale”, de G. Bleandonu, Payot (P.B.P., 291);

- b) Há de comum o facto de que as forças que organizam a sociedade não obedecem à lógica do inconsciente mas à lógica política e económica – com uma diferença, é que estas duas lógicas estão sempre interpenetradas segundo o modelo antropanalítico;
- c) Portanto, tanto a psicodinâmica como a sociodinâmica são sempre sociopsicodinâmicas; enquanto a psicanálise, para ele, dá acesso apenas ao esquema psicofamiliar, a antropanálise entende que a lógica económica e política já sobredeterminam este, obrigando uma compreensão dos factos sociais globais à compreensão psicofamiliar, donde a importância do sistema socio-antropológico, onde se libertam e se consciencializam os problemas anacrónicos e actuam os sociopsicodinâmicos;
- d) Damos igualmente uma grande importância ao poder, interiorizado e actual, já na pessoa e na família, não apenas na instituição;
- e) A mesma prática é comum a todas as actividades de intervenção, da terapia à animação sociocomunitária, não precisa de adaptações nem tem formas “nobres” e privilegiadas de, não há “a cura típica”, nem “grupos sociopsicanalíticos”;
- f) A antropanálise não procura fazer chegar as pessoas a adultos sociais apenas na “instituição”, mas fomentando a construção de comunidades na sociedade global;
- g) A antropanálise não se toma como uma teoria total, globalmente explicativa, um “sistema”, mas como que uma visão interior, do avesso, das pessoas, dos grupos e das comunidades. Para o direito, recorre às ciências humanas e sociais, à medicina, etc., escusando-se a reducionismos, optando por uma epistemologia da diferença, da convergência, da aspectivação. Suponhamos um grupo: há toda uma teoria a construir com as elaborações dos seus membros, mas muitas explicações do que se passa são dadas pelo exterior. Numa família, o pai é o chefe porque é o pai ou porque vivemos numa sociedade em que a autoridade repousa no homem? A resposta é delicada, mas nela tem que entrar necessariamente o factor institucional-societário.

Modelo Rogers-Pagès*:

- a) A política chegou a Rogers com o “Poder Pessoal”, em 1978, alguns anos depois da teorização e da prática antropanalítica. E falta-lhe toda uma teoria dos inconscientes, pessoal e social. Mesmo em Pagès, cuja teoria de grupo é fundamental, falta-lhe o conceito de modelo socioantropológico, isto é, a recusa à teorização reduccionista, a recusa a uma teoria explicativa global. O privilégio do grupo tornava inevitável a evolução posterior de Pagès para a bioenergética.
- b) Nenhum destes autores usa a comunidade sociológica como meio de intervenção, nem mesmo de teorização: o social surge como um pano de fundo, uma referência que é hoje imprescindível, mas não passa disso, como o biológico e o social nas teorias freudiana clássicas: algo a referir, mas nunca a entrar nas intervenções e nas elaborações teóricas.

Enfim, a teorização das pulsões segundo a minha abordagem da antropanálise torna bastante clara a distinção desta de todos os outros modelos. Não que isso me interesse particularmente, mas porque penso que é necessário juntar esforços – e a situação da ciência parece-me fundamental – para combater a maré negra que ameaça afogar o humano quer na indiferença colectivista quer na solidão das diferenças radicais. Segue fotocópia da minha comunicação em Coimbra, em Novembro. Achas que encontrará aí publicação, com algumas modificações?”

Vemos, assim, através da leitura desta carta assinadas algumas das diferenças em relação à perspectiva rogeriana, no entanto, tal como já dissemos, Rogers evoluiu no seu pensamento e, actualmente, a Abordagem Centrada na Pessoa tem conceptualizado e criado formas de intervenção que consideram as várias dimensões do ser humano.

Pensamos que, na essência, as posições de Carlos Caldeira e Carl Rogers não divergem tanto assim, con-

siderando que o percurso deste último autor e o impacto que as suas ideias tiveram na compreensão actual da Abordagem Centrada na Pessoa têm vindo, em alguns aspectos, a aproximar-se da perspectiva de Caldeira.

Não podemos senão lamentar uma vez mais o desaparecimento prematuro daquele que foi um grande cientista e, sobretudo para mim, um professor, um amigo insubstituível e o “irmão”.

* O texto a negro é da nossa responsabilidade.